



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Campo Misógino

Série de podcasts sobre machismo e sexismo com mulheres de Mato Grosso do Sul na
cobertura esportiva

INGRID DE OLIVEIRA PROTASIO

Campo Grande
NOVEMBRO /2025

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Campo Misógino

Série de podcasts sobre machismo e sexismo com mulheres de Mato Grosso do Sul na
cobertura esportiva

INGRID DE OLIVEIRA PROTASIO

Relatório apresentado como requisito parcial para
aprovação na Componente Curricular Não
Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de
Curso (TCC) do Curso de Jornalismo da
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
(FAALC) Universidade Federal de Mato Grosso
do Sul (UFMS).

Orientador: Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: "Campo misógino: série de podcasts sobre machismo e sexismo com mulheres de Mato Grosso do Sul na cobertura esportiva"

Acadêmica: Ingrid de Oliveira Protásio

Orientador: Marcos Paulo da Silva

Data: 26/11/2025

Banca examinadora:

1. Daniela Cristiane Ota
2. Érika Alfaro de Araujo

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca destaca a pertinência da temática, a qualidade do trabalho e faz recomendação veiculação futura na Rádio Educativa UFMS e em outras plataformas. Além disso, a banca indica que o trabalho seja inscrito em premiações da área.

Campo Grande, 26 de novembro de 2025.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Paulo da Silva, Professor do Magisterio Superior**, em 26/11/2025, às 15:18, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Coordenador(a) de Curso de Graduação**, em 26/11/2025, às 16:59, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6017665** e o código CRC **5B3A12C5**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015712/2025-27

SEI nº 6017665



AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente à minha família por esta etapa concluída. Concluir uma graduação em uma universidade pública, sendo aluna de escola pública, é uma conquista que não é só minha, mas de todos eles que nunca mediram esforços para incentivar meus estudos e sonhos.

Agradeço à minha mãe, Margarida Protásio, que sempre acreditou no meu potencial e me incentivou a cursar Jornalismo. Ao meu pai, Rodrigo de Oliveira, por nunca medir esforços para me ajudar no que fosse preciso e por ter me apresentado ao futebol e, especialmente, ao Sport Club Corinthians Paulista, paixões que também serviram de motivação para escolher o Jornalismo e, futuramente, quem sabe, o Jornalismo Esportivo, temática central deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço também à minha irmã Nayara Protásio, por seu apoio constante, e ao meu sobrinho Rafael Protásio, que, mesmo antes de nascer, já me inspira a ser uma pessoa e uma profissional melhor.

Meus agradecimentos às jornalistas Ida Garcia, Eva Regina, Isabelly Melo, Ludimila Cianci, Raphaela Potter, Érika Alfaro de Araújo e Adriana Brum, que gentilmente aceitaram participar deste projeto e contribuíram para o enriquecimento do trabalho.

Por fim, agradeço ao professor e orientador Dr. Marcos Paulo da Silva, que desde o início demonstrou interesse, disponibilidade e dedicação na condução da orientação deste Trabalho de Conclusão de Curso.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

Resumo	5
Introdução	6
1. Atividades desenvolvidas	8
1.1 Execução	8
1.2 Dificuldades encontradas	12
1.3 Objetivos alcançados	13
2. Suporte teóricos adotados	14
2.1 Podcast	14
2.1.1 Podcast jornalístico	15
2.2 Machismo e Sexismo	15
2.2.1 Futebol como prática masculina	17
2.3 Jornalismo esportivo	18
2.3.1 Mulheres na cobertura esportiva/futebolística	19
Considerações finais	21
Referências	22
Apêndice	26



RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste em uma série de podcasts com o título de “Campo Misógino” que tem como objetivo abordar o cenário das mulheres jornalistas na cobertura esportiva sul-mato-grossense, principalmente na cobertura futebolística. Na série, constituída de um episódio piloto e de quatro episódios centrais, aborda-se as experiências tanto de comunicadoras esportivas que exercem a profissão no estado de Mato Grosso do Sul como profissionais que exercem a profissão em outras regiões do país e ajudam a compreender o contexto sul-mato-grossense. A proposta principal é destacar quais dificuldades nas coberturas essas comunicadoras do esporte enfrentam, principalmente por serem mulheres inseridas nesses ambientes esportivos, que historicamente se constituíram como espaços machistas.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo; podcast jornalístico; mulheres; misoginia; machismo.

Os podcasts podem ser acessados por meio do link: <https://link.ufms.br/sQXjX>



INTRODUÇÃO

Historicamente, o futebol foi frequentemente tratado como um esporte ligado ao público masculino. Popularmente, é do gênero masculino o domínio de sua prática e o entendimento de suas regras, o que não raramente resulta na aversão às mulheres na prática da modalidade. Um texto publicado em 1940 na *Revista Educação Physica* dava mostras desse contexto:

Portanto, não sendo aconselhado por motivos higiênicos, físicos ou morais, não será pelo seu reduzidíssimo valor intelectual que a mulher o vá praticar. Assim, pelas razões acima expedidas, que envolvem matéria de ordem técnica, é nossa opinião ser o futebol, para a mulher, anti-higiênico e contrário à natural inclinação da alma feminina. (Ballariny, 1940, p.36).

Essa ideia também se estendeu historicamente ao âmbito do jornalismo esportivo, no qual, tradicionalmente, o espaço de fala e de análise do futebol sempre foi majoritariamente ocupado por homens. Como destaca Schoch (2019, p. 31 *apud* Ramires, 2020, p. 503),

No esporte, assim como em outros domínios como a política ou a guerra, que são pensados como “masculinos” permanecem globalmente bastiões masculinos dos meios de comunicação em muitos países [...] particularmente, no caso dos esportes de tradição masculina, como o futebol, o baseball ou o hóquei no gelo”.

Ao longo da história, nas redações jornalísticas, eram destinadas às mulheres editorias consideradas “femininas”, como aquelas com temas relacionados à moda, à cultura e à casa. “O campo profissional para as jornalistas já se havia fixado nas áreas apolíticas: a moda, a família, o colégio, a educação dos filhos, os afazeres domésticos e as artes manuais. Nos jornais diários, as seções preferidas para as mulheres eram as de assuntos locais e de cultura” (Kunczik, 2002, p.197 *apud* Righi, 2006, p. 26).

Ainda que a participação das mulheres em coberturas esportivas tenha aumentado, preconceitos como machismo e sexismo são recorrentes. Em 2024, durante uma coletiva de imprensa¹ do

¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12852206/?s=0s>



campeonato brasileiro de futebol masculino, o técnico do Palmeiras, Abel Ferreira, respondeu à jornalista Alinne Fanelli, da rede Band News FM, que devia satisfação a apenas três mulheres em sua vida: sua esposa, sua mãe e a presidente do Palmeiras, Leila Pereira. A jornalista havia perguntado sobre a situação de um jogador do clube. Logo após essa resposta, a jornalista retornou as perguntas e fez mais questionamentos sobre outros jogadores do elenco. Abel a questionou se sabia como funcionava o trabalho de um treinador de futebol. Nesse episódio, chamou atenção a diferença das respostas para jornalistas homens e as respostas para a jornalista Alinne Fanelli.

Episódios como este são motivos para que campanhas como a *#Deixaetrabalhar*² movimentem as redes sociais e engajem as pautas. A *hashtag* criada em 2018 por 52 jornalistas de diferentes veículos de comunicação, de várias regiões do país, surgiu como forma de protesto contra assédio, machismo e sexismo com as profissionais na cobertura esportiva.

Nos últimos anos, a presença das mulheres em coberturas futebolísticas aumentou, mas apenas mais profissionais mulheres nesses espaços não significa avanços na desigualdade de gênero no jornalismo esportivo. Nas palavras de Coimbra (2008):

Meramente aumentar o número de mulheres que partilham as mesmas orientações e aceções sexistas que os seus colegas homens, é menos que uma magra vitória. É um exemplo perigoso de opção mútua institucional em que as mulheres se tornam cúmplices passivas da propagação da ideologia sexista no desporto.

Diante do cenário apresentado, discutir o machismo e o sexismo na cobertura futebolística realizada por mulheres na comunicação sul-mato-grossense constitui a proposta central deste projeto. O trabalho abrange não apenas a cobertura esportiva em Mato Grosso do Sul, mas também o trabalho de jornalistas que buscaram se estabelecer em outras regiões do país em busca de melhores oportunidades, considerando a precariedade do cenário esportivo sul-mato-grossense, especialmente no que se refere ao futebol.

Os podcasts podem ser acessados por meio do link: <https://link.ufms.br/sQXjX>

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=omrrIFeCTLQ>



1. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

1.1 Execução:

As primeiras etapas para o início da idealização do projeto dessa série de podcasts chamado “Campo Misógino” começaram no início de 2025 com a disciplina *Pesquisa em Jornalismo*, na qual foi produzido o pré-projeto deste trabalho final. Naquela fase, ainda introdutória, foram feitas leituras, pesquisas e a formulação de um documento que uniu as principais ideias do então possível trabalho final. No dia 2 de julho de 2025, o projeto começou a ganhar forma com a primeira reunião de alinhamento com o orientador do trabalho em questão, professor Marcos Paulo da Silva. Nesse papo inicial, fizemos um trabalho de busca em bancos de fontes para pré-definir as entrevistadas do projeto.

Ao todo, após a busca, foi elaborado um banco de fontes com cerca de 10 contatos, incluindo personagens e especialistas, com os quais realizei o contato inicial para apresentar a proposta do projeto. As fontes selecionadas incluem mulheres sul-mato-grossenses que cobrem ou já cobriram o esporte, tanto no estado quanto em outras regiões do país, atuando em diversas áreas, como narração, redação e cobertura de campo, entre outras. Também foram incluídas profissionais que, embora não sejam naturais de Mato Grosso do Sul, exercem a profissão há anos no estado, além de especialistas que pesquisam gênero na comunicação esportiva, nenhuma delas, entretanto, são naturais do estado de Mato Grosso do Sul.

O próximo passo foi realizar o contato formal com as fontes, etapa iniciada ainda nas férias, no dia 15 de julho de 2025, encaminhando a seguinte mensagem:

Olá, bom dia, como está? Me chamo Ingrid Protásio, sou acadêmica do oitavo semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Como proposta de trabalho de conclusão de curso (TCC) irei produzir uma série de podcasts que abordam preconceitos como machismo e sexismo com as mulheres jornalistas sul-mato-grossenses na cobertura esportiva,



com ênfase na cobertura futebolística, levando em consideração a construção ideológica do futebol como um esporte masculino e, portanto, um espaço machista. Sendo assim, pensando em fontes mulheres que trabalham nesse meio, por meio de buscas e até pelo meu conhecimento de profissionais nesse meio, pensei em você como uma das minhas possíveis fontes para esse diálogo. Esse é apenas um contato inicial para entender mais se encaixa na temática e se toparia fazer parte desse projeto. Desde já agradeço muito.

Também entrei em contato com fontes especialistas e encaminhei ao todo seis mensagens para mulheres que possuem pesquisas, artigos e livros sobre gênero no esporte. A comunicação com todas foi feita via email ou Whatsapp (nos casos em que o orientador conseguiu contatos prévios), além de redes sociais, como um meio de contato alternativo, nos casos em que os meios de contato formais não tivessem retorno.

Logo após o envio das mensagens, obtive rápido retorno da maioria das fontes, grande parte no mesmo dia do contato prévio. Apenas algumas fontes especialistas não me retornaram. Após o período de férias, especificamente no dia 13 de agosto de 2025, fiz a abertura no Sistema Acadêmico (Siscad) do Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) deste Trabalho de Conclusão de Curso para oficializar o início do projeto no sistema da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

No dia 21 de agosto de 2025, já pensando nas entrevistas que viriam, realizei a compra de um microfone de lapela para uma melhor captação. Alguns dias depois, no dia 27 de agosto de 2025, foi realizada mais uma reunião com o orientador deste projeto, dessa vez para alinhar questões de roteiro e alguns focos do projeto. No dia 30 de agosto de 2025 foi realizado o envio dos roteiros de perguntas para o orientador para a aprovação, tanto referentes às fontes primárias como às secundárias. Nessa etapa, já havia uma perspectiva das fontes que iriam participar devido ao retorno do convite inicial.

Nesse ínterim, voltei a fazer contato com as fontes para reforçar a participação delas no projeto e, já no começo de setembro de 2025, comecei a agendar as entrevistas definitivamente. Nessa etapa, diante do retorno das fontes, agendei sete entrevistas para o projeto. As fontes primárias são: Ida Garcia, Isabelly Melo, Eva Regina, Ludimila Ciani e Raphaela Potter, todas jornalistas sul-mato-grossenses que cobrem esporte ou que passaram pela área na região. Já as fontes secundárias/especialistas são: Érika Alfaro de Araújo, jornalista, autora do livro “Mulheres em Campo: Gênero no jornalismo esportivo brasileiro” (Editora Appris, 2023) e co-autora do



artigo “Mulheres no jornalismo esportivo, impacto da narração e dos comentários femininos na Copa do Catar” (Malta, Araújo, Amado, 2024), além de outros trabalhos sobre gênero e esporte; e a jornalista Adriana Brum, com experiência na comunicação esportiva e co-autora do artigo “Mulheres no jornalismo esportivo: ‘Uma visão além do alcance?’” (Brum, Capraro, 2015).

Assim que o professor/orientador aprovou os roteiros de perguntas e com as entrevistas já agendadas para o mês de setembro de 2025, foram enviados para as fontes os tópicos centrais que seriam debatidos nas entrevistas. As duas primeiras entrevistas foram realizadas no dia 10 de setembro de 2025 de forma presencial no Laboratório de Radiojornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com as fontes primárias Ida Garcia e Isabelly Melo, no período da tarde, uma seguida da outra. Ambas as entrevistas tiveram duração entre 30 e 40 minutos e as jornalistas exploraram o cenário de suas experiências na comunicação esportiva.

A terceira entrevista foi realizada no dia 12 de setembro de 2025, no período da tarde, com a jornalista Érika Alfaro de Araujo, via ferramenta Google Meet, devido ao fato de sua residência ser em Bauru, no interior do estado de São Paulo. A entrevista durou aproximadamente 50 minutos e a entrevistada abordou as questões de gênero no esporte e na comunicação esportiva.

No dia 13 de setembro de 2025 foi realizada entrevista com Adriana Brum, também via ferramenta Google Meet, pois a fonte especialista reside em Curitiba, capital do Paraná. Na entrevista, que durou em torno de 50 minutos, a especialista abordou os principais tópicos de seu artigo e ainda relembrou as dificuldades que já vivenciou na prática da cobertura esportiva.

A quinta entrevista foi realizada no dia 16 de setembro de 2025, no período noturno, com a jornalista Eva Regina, também via ferramenta Google Meet. A entrevistada reside em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, porém, em razão de seu período de licença maternidade, optou por realizar a entrevista online. A jornalista abordou suas experiências na comunicação esportiva e destacou as dificuldades durante a carreira.

A penúltima entrevista foi realizada no período da manhã, no dia 17 de setembro de 2025, com a jornalista Raphaela Potter, também via Google Meet, pois a fonte reside em Belo Horizonte, Minas Gerais. A entrevistada abordou sua carreira, dificuldades e machismo no meio esportivo e ainda relembrou sua experiência na comunicação sul-mato-grossenses. A entrevista durou em média 40 minutos.



A sétima e última entrevista foi executada no dia 20 de setembro de 2025 com a jornalista Ludimila Cianci, via Google Meet, pois a jornalista também reside em Belo Horizonte, Minas Gerais. A fonte discutiu sobre misoginia, machismo, futebol feminino, entre outras temáticas. A entrevista durou cerca de 60 minutos.

Após as entrevistas, realizei a decupagem do material por meio da ferramenta online *Pinpoint*. Em posse de todos os materiais, o mês de outubro de 2025 foi dedicado à produção dos roteiros, que passaram pela revisão do orientador, para a aprovação final. Feitas as alterações e mudanças na estrutura, o próximo passo foi a gravação dos offs. Nessa etapa, precisei gravar o episódio piloto e os quatro episódios seguintes. Primeiramente, consegui um estúdio de rádio, no qual passei a tarde gravando os offs de todos os episódios. No entanto, quando transferi os arquivos para o software de edição *Audacity*, percebi que os áudios possuíam alguns problemas técnicos, ficando um pouco estourados, e então consegui outro estúdio para refazer as gravações e obter outra opção para edição. Entende-se, no entanto, que a referida limitação técnica não comprometeu os objetivos centrais da produção dos podcasts.

Durante a captação dos offs para a edição, solicitei a alguns colegas do meu ambiente de trabalho que realizassem gravações de falas. José Admilson de Sousa ficou responsável por narrar o trecho referente ao decreto que proibia mulheres de praticar esportes, presente no primeiro episódio. Já Carlos Kuntzel, Tiago Machado e Aurélio Filho gravaram as falas que reproduzem comentários machistas sobre mulheres na narração, utilizadas na introdução do quarto episódio.

Já com todos os materiais preparados, em outubro de 2025 comecei o processo de edição de todos os episódios, além da produção deste relatório. Nesse ínterim, junto ao orientador do projeto, definimos as convidadas para a banca avaliadora: a professora Dra. Daniela Cristiane Ota, docente da área de jornalismo sonoro do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e Érika Alfaro de Araújo, mestre e doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Ambas gentilmente aceitaram o convite.



1.2 Dificuldades encontradas

A primeira dificuldade com a qual me deparei para o processo de andamento deste Trabalho de Conclusão de Curso foi a falta de resposta de algumas fontes especialistas. A maioria das jornalistas com estudos em temáticas mais próximas ao tema não me retornaram. Fiz contato via email, algumas até mesmo via Whatsapp, ou por redes sociais, principalmente via Instagram, porém sem sucesso. Entende-se, por outro lado, que o resultado final dos podcasts não ficaram comprometidos no interior dos objetivos previamente estabelecidos.

Outra dificuldade que obtive foi em relação à captação dos áudios das entrevistas. Como cinco das sete entrevistas foram realizadas de forma online via ferramenta Google Meet, alguns ruídos acabaram marcando as gravações, porém, nada que comprometesse o entendimento das mensagens.

A principal dificuldade que encontrei durante o processo foi a gravação de minhas falas (offs). Tentei inicialmente realizar as gravações em casa, com o microfone de lapela que adquiri para a produção da série. Entretanto, devido a barulhos e ruídos externos, não funcionou. Para solucionar a questão, consegui de início um estúdio de rádio para a gravação de todos os offs da série. Ao transferir o material para o software de edição *Audacity*, contudo, percebi que o áudio estava um pouco estourado. Após dois dias, consegui um novo local de gravação, também um estúdio, para ter uma nova opção de captação. Naquela ocasião, antes de iniciar a gravação completa, realizei um teste de som para verificar se o problema persistia. Com a ajuda da equipe do estúdio, identificamos alguns erros que ocorriam na transferência do áudio para o *Audacity*. Esse foi, portanto, meu principal desafio durante o processo, o que inclusive acabou atrasando a etapa de edição.



1.3 Objetivos alcançados

Ainda na fase de elaboração do pré-projeto referente a este Trabalho de Conclusão de Curso, meu principal objetivo era abordar as dificuldades enfrentadas por mulheres sul-mato-grossenses na cobertura futebolística, tema que se manteve como eixo central da série. Nos objetivos específicos do pré-projeto, foram destacados seis pontos principais, os quais acredito ter alcançado e abordado ao longo da produção.

O primeiro consistia em discutir o machismo e o sexismo vivenciados por mulheres sul-mato-grossenses na cobertura futebolística, tópico amplamente explorado na série. O segundo ponto previa analisar a evolução da participação feminina na cobertura esportiva, também contemplado durante os episódios. Outro objetivo previsto e cumprido foi o de investigar os cargos ocupados por mulheres nas redações esportivas.

Além disso, o projeto também discutiu, a partir da pesquisa documental e dos diálogos com as fontes, se a maior presença feminina nas redações esportivas contribuiu para o aumento da cobertura do futebol feminino, tópico também previsto no pré-projeto. Foram ainda abordadas a diferença salariais entre profissionais homens e mulheres na cobertura esportiva e as análises de fontes secundárias que estudam gênero e comunicação, com o intuito de compreender as origens e os fatores que sustentam a ideia de que o futebol é um esporte masculino - ambos temas previstos no pré-projeto.

Além desses, outros objetivos foram alcançados, mesmo não estando formalmente citados no pré-projeto, mas que faziam parte de um interesse pessoal em ampliar o debate. Entre eles, destacam-se a abordagem sobre a narração feminina e suas resistências, tema central do quarto e último episódio da série; a maternidade, abordada no segundo episódio; bem como discussões sobre assédio, homofobia na comunicação esportiva e as trajetórias profissionais das jornalistas.



2 - SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS

2.1 Podcast

Segundo Primo (2005, p.17), o podcast é definido como “um processo mediático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na Internet”. A utilização do termo “podcast” teve início em 2004, quando o jornalista britânico Ben Hammersley publicou um artigo no *The Guardian* com a junção das palavras *Ipod* (dispositivo de músicas da Apple) e *broadcast* (transmissão).

Nos tempos atuais sua utilização se tornou recorrente devido às transformações tecnológicas. Plataformas online como o *Itunes* e *Spotify* permitiram que o consumo desse produto se tornasse cada vez mais popular e, principalmente, acessível. Os podcasts apresentam forte adesão, tanto dos meios de comunicação quanto do público, e são utilizados como uma ferramenta de transmissão de conteúdos educacionais, jornalísticos e até cotidianos, promovendo espaços para debates e discussões.

Dentre as práticas educacionais viabilizadas pelo uso do podcast, é possível destacar a abertura para vozes e temas que se encontram à margem de um dado contexto escolar, prática amparada pela liberdade produtiva inerente ao modo como o podcast foi constituído (Freire, 2013, p. 22).

Os podcasts têm possibilidade de formatos diferentes. Como aponta Viana (2021, p.7), “ao manter o áudio como formato principal, o podcast se apropria de estratégias imersivas já utilizadas pelo rádio tradicional enquanto lança mão dos recursos proporcionados pelas plataformas digitais, como o espaço/tempo ilimitado para abrigar as produções”. O formato ao vivo pode permitir a interação com o público e, portanto, abrir possibilidades para o diálogo. Os formatos gravados, por sua vez, podem ser editados, o que permite maior aprofundamento dos conteúdos. Além disso, ao contrário do rádio tradicional, os podcasts oferecem ao ouvinte a liberdade de escolher o conteúdo que deseja consumir.



O que começou como uma mídia de nicho tornou-se um fenômeno global, transformando a forma como consumimos informação e formando comunidades. No cenário nacional, os podcasts se destacam por seu alto nível de consumo, e esse movimento é especialmente forte no Brasil. Segundo a PodPesquisa 2024/2025, da Associação Brasileira de Podcasters (Abpod), o país já conta com aproximadamente 31,94 milhões de ouvintes.

2.1.1 Podcast Jornalístico

Em 2020, com o advento da pandemia de Covid 19, os podcasts ganharam mais espaço e adesão do público ouvinte. Entre as áreas que mergulharam nessa possibilidade narrativa está o jornalismo, que redundou na construção e na popularização dos podcasts jornalísticos. Discussões sobre política, economia, esporte, saúde e muitos outros temas tornaram-se recorrentes na produção de podcasts. Berry (2016) destaca que o formato podcast possui três características primordiais e que implicam conteúdo instalado: ficções, conversas e narrativas. Para o autor, em muitos produtos, essas características se misturam, como acontece nos produtos jornalísticos. Na visão de Kischinhevsky (2018), os podcasts jornalísticos utilizam em grande parte a narração, formando produtos narrativos, definidos como radiojornalismo narrativo.

Diferentemente do rádio convencional, no qual se tem um tempo limitado, o radiojornalismo narrativo explora as fontes de forma mais aprofundada, com maior detalhes e descrição, e faz uso das tecnologias disponíveis na contemporaneidade. Conforme explicam Longhi e Cordeiro (2018, p. 160), trata-se de um contexto, tal como o jornalismo imersivo, que “busca dar conta de novas configurações da linguagem ciberjornalística, especialmente num cenário carregado de inovações tecnológicas”.

2.2 Machismo e Sexismo

A construção social das relações de gênero possui matrizes históricas. Segundo Muraro (2015), prevalecia até a sociedade medieval um sistema de coleta, atividade que era desempenhada por mulheres, o que as tornavam figuras primordiais para a sobrevivência de uma família. A sociedade, na época, via o papel da mulher como crucial. Porém, com a mudança do sistema para agricultura, ocorreu uma alteração estrutural nessa lógica. Conforme explica Stearns



(2007, p. 31), “o deslocamento da caça e da coleta para a agricultura pôs fim gradualmente a um sistema de considerável igualdade entre homens e mulheres”.

A partir do sistema econômico baseado em agricultura e de uma conscientização do homem sobre sua função masculina de procriação, a dominação do gênero masculino sobre o feminino se tornou evidente. As mulheres passaram a realizar atividades domésticas enquanto os homens exerciam atividades ligadas à força, se estabelecendo assim um sistema de dominação masculina, que posteriormente se fixou como um sistema patriarcal (Stearns (2007; Muraro, 2015).

Com o sistema capitalista, as desigualdades de gênero não se alteraram, pelo contrário. Nas palavras de Saffioti (1979, p. 150),

Pode-se dizer que esta corrente sustenta que o patriarcado não resume a dominação da mulher, a submissão da mulher ao ‘poder do macho’, à disseminação de uma ideologia machista, mas esta também é um instrumento importante de exploração econômica que tem como principal beneficiário o homem branco, rico e adulto. Neste sentido, a violência contra a mulher seria fruto desta socialização machista conservada pelo sistema capitalista, desta relação de poder desigual entre homens e mulheres, que estabelece como destino natural das mulheres a sua submissão e exploração pelos homens, forçando-as muitas vezes a reproduzir o comportamento machista violento.

Esse sistema patriarcal pode se expressar por meio de preconceitos como o sexismo, refletindo comportamentos e convenções que sustentam a ideia de uma inferioridade feminina. Explica Bonfim (2015, p.9):

O sexismo refere-se às discriminações sofridas por determinado gênero ou orientação sexual, onde um deles é privilegiado e o outro discriminado. Mas as mulheres são mais atingidas por esta prática advinda de uma cultura falocrática, patriarcal e machista onde as mulheres são desqualificadas e inferiorizadas. Sexismo e machismo seguem a mesma lógica de dominação e de discriminação. Onde se designa papéis e julgamentos distintos para homens e mulheres, repugnando comportamentos e atitudes feminilizadas.

Já o machismo se caracteriza pelo preconceito direcionado às mulheres, especialmente em comparação aos homens.

O machismo constitui portanto, um sistema de representações de dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as



mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polos dominante e polo dominado que se confirma mutuamente numa situação de objetos. (Drumont, 1980, p.82).

Tal sistema patriarcal está presente também no jornalismo esportivo, foco deste Trabalho de Conclusão de Curso, e é ecoado através do controle do comportamento das mulheres. Segundo Schoch (2019, p. 31 *apud* Ramires, 2020, p. 504), “as mulheres jornalistas esportivas sentem que devem estar particularmente vigilantes quanto às suas atitudes, especialmente, para evitar certos estereótipos (sedutora, lésbica) que sentem na pele e devem negociar diversas tensões”. Esse estado de vigilância citado por Schoch (2019 *apud* Ramires, 2020) surge a partir de atitudes e ações sexistas no cenário esportivo, e tende a controlar o comportamento e forma de agir das mulheres, como uma maneira de evitar serem alvo de comentários e atitudes machistas e sexistas.

2.2.1 Futebol como prática masculina

O futebol chegou ao Brasil no século XIX como esporte pertencente à elite inglesa. Inicialmente praticado pela alta sociedade, se popularizou entre as classes ricas das grandes cidades, praticado por homens, ricos e brancos. Como aponta Aquino (2002), o percurso dessa modalidade esportiva no país deu-se a partir do paulista Charles Miller, que trouxe materiais e o incentivo para a prática futebolística após retornar da Inglaterra, país de origem do futebol.

Historicamente, o futebol sempre foi associado a uma prática masculina. A ideia contemporânea de que futebol é um esporte masculino possui raízes muito mais profundas. Durante o período ditatorial do governo de Getúlio Vargas, o Decreto-Lei 3.199, assinado em 1941, declarava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (Brasil, 1941).

Características como força, brutalidade e masculinidade são associadas ao homem na prática do futebol, o que se difere da mulher numa perspectiva de senso comum. Conforme explicam Ventura e Hirota (2007, p. 157), “à mulher sempre foi aplicada a imagem de fragilidade, dependência e sensibilidade, enquanto atribui-se aos homens qualidades como força, virilidade e garra”.



Ainda que o Decreto-Lei 3.199 tenha perdido a validade em 1979, e que às mulheres, a partir daquele momento, tenha sido permitido a prática do esporte, resquícios dessa ideia permanecem até a terceira década do século XXI. Conforme afirmam Knijnik e Vasconcellos (2003, p. 10), “ou seja, ao desejar muito o futebol, jogo enraizado como masculino na cultura brasileira, a menina estaria, na verdade, procurando dominar aquilo que é masculino, pois isto sim tem valor social, e não as suas qualidades femininas”.

Estereótipos masculinos são atribuídos a mulheres na prática do futebol, que ao jogarem o esporte estariam desvinculadas do que seria considerado “ser mulher” e de características femininas. Tais estereótipos se refletem na cobertura futebolística realizada por jornalistas mulheres, âmbito no qual ainda há resistência ou estranhamento diante do protagonismo feminino nesses espaços.

2.3 Jornalismo esportivo

Para tratar de machismo e sexismo com mulheres na cobertura futebolística é preciso discutir, de antemão, o que se trata o jornalismo do esporte. Em termos históricos, as primeiras notícias consideradas esportivas correspondiam a casos polêmicos que despertavam interesse do público. Segundo Alcoba (2005), o primeiro caso de repercussão refere-se a uma luta de boxe entre um cozinheiro de Lord Smith contra o pasteleiro do Duque de Bridge. O caso obteve muita repercussão e despertou a curiosidade da população europeia.

O esporte começou a ser veiculado periodicamente em jornais pela primeira vez em 1828 na cidade de Paris, com o *Journals des Haras*, considerado o primeiro jornal de esportes do mundo. Em 1852, o jornal esportivo *Sportman* na Inglaterra já circulava pelas cidades do país. Na Espanha, quatro anos depois, a revista *El Cazador* incluía o esporte em suas edições. O jornal *The New York Journal* aderiu aos assuntos esportivos em suas páginas pela primeira vez em 1895 (Alcoba, 2005). No Brasil, o primeiro noticiário considerado esportivo foi o jornal *O Atleta*, publicado em 1856. Em suas páginas eram publicadas dicas e instruções sobre práticas esportivas e atividade física para os cidadãos do Rio de Janeiro (Bahia, 1990). Entretanto, na interpretação de Coelho, (2004), as primeiras notícias relacionadas ao esporte surgiram no Brasil apenas em



1910, com o jornal *Fanfulla*, que publicava a respeito das partidas de futebol amador italiano, muito presente na cidade de São Paulo naquela época.

O jornalismo esportivo é definido como a área da comunicação que tem como objetivo cobrir e divulgar acontecimentos do meio esportivo, como a produção de notícias e reportagens relacionadas aos esportes. Porém, apenas cobrir eventos esportivos não é suficiente. Betti (2001) explica que existem dois modos de falar sobre esporte na comunicação, o esporte “da mídia” refere-se apenas à narração dos fatos, um jornalismo baseado em destacar vitórias e derrotas. Já o esporte “na mídia” diz respeito ao ideal, onde são discutidos não apenas os resultados de jogos e análises técnicas mas também questões sociais, socioculturais e históricas. Um espaço que não apenas reproduz fatos.

Em consonância com Betti (2001), Santaella (1996) aponta que no mercado esportivo predomina a “falação”, tendo os eventos como dominante nas mídias e não os processos. Tal questão deve-se não somente, mas também, ao fato de que esses produtos, por serem comerciais, televisivos e feitos para grandes massas, possuírem conteúdos são de caráter mais imediatista, o que limita o aprofundamento de questões sociais.

2.3.1 Mulheres na cobertura esportiva/futebolística

A partir da década de 1970 as mulheres jornalistas conquistaram espaços em redações esportivas no Brasil. Com a expansão dos veículos de comunicação e a necessidade de novos profissionais, possibilitou-se a inserção delas em editorias esportivas. Nos últimos anos, a presença feminina em coberturas esportivas cresceu. A jornalista Ana Thaís Matos é um exemplo. Comentarista de futebol da Rede Globo e do canal especializado Sportv, ela foi precursora na participação feminina como comentarista, sendo a primeira mulher a comentar uma partida de futebol na TV Globo no jogo entre Brasil e Jamaica pela Copa do Mundo feminina de 2019. Matos também foi a primeira mulher a comentar uma partida de futebol masculino no jogo entre Santos e Atlético Paranaense pelo Campeonato Brasileiro de 2019, na Rede Globo.

Renata Silveira também está na galeria de mulheres pioneiras na cobertura esportiva do Brasil. Ela foi a primeira mulher a narrar uma partida de futebol em TV aberta na Rede Globo em



uma partida da Supercopa Feminina entre Corinthians e Grêmio em 2022. Após esse feito, começou a narrar partidas do masculino e ganhar mais espaço na emissora. Também em 2022, Silveira narrou a partida entre Dinamarca e Tunísia e se tornou a primeira mulher a comandar uma transmissão de Copa do Mundo na história da televisão aberta brasileira.

Com esses novos protagonismos e maior visibilidade, multiplicaram-se também as críticas, que, via de regra, não se relacionam com conhecimentos técnicos e esportivos das profissionais, mas com as questões de gênero. Afinal, tal como apontam Costa, Leite e Richartz (2019, p. 4), “se os jornalistas homens já são criticados quando erram, as mulheres então são criticadas até quando não falham, com a mesma justificativa de que o gênero define conhecimento sobre algum tema”.

Nesse mesmo horizonte, uma pesquisa realizada em 2021 pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), em conjunto da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), apontou que as mulheres representam 49,9% da cobertura jornalística do Brasil. Apesar da expressiva participação das mulheres no jornalismo, nas editorias esportivas principalmente relacionadas ao futebol continuam sendo minorias (Fenaj, 2024).



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar a presença de mulheres sul-mato-grossenses na comunicação esportiva foi uma temática que começou a ser pensada durante a disciplina optativa de Jornalismo Esportivo, em 2023, no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Durante essa disciplina, minha visão sobre o esporte mudou completamente, passando a analisá-lo sob uma perspectiva social, que considera marcadores como gênero, raça e classe social, entre outros.

Compreender, a partir das profissionais entrevistadas, as resistências e dificuldades enfrentadas na prática do jornalismo esportivo também foi uma forma de refletir sobre os desafios que eu mesma posso encontrar ao atuar na área da comunicação esportiva. Desde sempre, os esportes, especialmente o futebol, fizeram parte da minha história pessoal, sempre como consumidora de jornalismo esportivo, o que, inclusive, foi uma das minhas motivações pessoais para ingressar na graduação em Jornalismo.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como principal proposta discutir as questões de gênero no estado de Mato Grosso do Sul, por meio das experiências de jornalistas do Estado, profissionais que aqui residem e também daquelas que buscaram novas oportunidades em outras regiões do país. Seu diferencial está em debater as dificuldades enfrentadas por mulheres na comunicação esportiva sul-mato-grossense, inserida em um contexto marcado pela precariedade do cenário esportivo, especialmente no que diz respeito ao futebol.

Além desse eixo central, o projeto abordou temas como assédio, machismo, resistências, futebol feminino e a cobertura realizada por mulheres em esportes praticados por mulheres. O trabalho também permitiu que essas profissionais compartilhassem suas vivências em relação a cada um dos temas tratados e, em alguns casos, até a ausência dessas experiências, o que evidencia avanços significativos em diversos aspectos quando comparados a períodos anteriores da presença feminina na comunicação esportiva.



4. REFERÊNCIAS

ALCOBA, Antonio Lopez. *Periodismo Deportivo*. Madri: Síntesis, 2005.

ACCOUNTABLE Sports Journalism. **Accountable Sports Journalism Code** – Guidelines for Covering Sports Responsibly. [S.l.]: Accountable Sports Journalism. Disponível em: <https://accountablesportsjournalism.org/code/>. Acesso em 10 de junho de 2025.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. 207 p.

ARAÚJO, Érika Alfaro. **Mulheres em campo: gênero no jornalismo esportivo brasileiro**. Curitiba: Appris, 2023.

BALLARINY, Humberto. **Por que a mulher não deve praticar o futebol**. Revista Educação Physica. Rio de Janeiro, n. 49, p. 36, dez. 1940. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/por-que-a-mulher-nao-deve-praticar-o-futebol/>. Acesso em 25 de maio de 2025.

BARRETO, Larissa. **A mulher no jornalismo esportivo: discurso, resistência e representatividade**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

BONFIM, Claudia Ramos de Souza. *A Condição Histórica da Mulher e a Construção Social do Amor na Perspectiva Socialista: um estudo da trajetória e produção de Alexandra Kollontai*. Relatório (PósDoutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2015.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199**, de 14 de abril de 1941. Dispõe sobre a organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 19 de abril de 1941. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm

BETTI, Mauro. **Esporte na mídia ou esporte da mídia?** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 19, n. 2, p. 67-76, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5929>. Acesso em 15 de maio de 2025.

BERRY, Richard. Podcasting: Considering the evolution of the medium and its association with the word ‘radio’. *The Radio Journal International Studies in Broadcast and Audio Media*, v. 14, n. 1. p. 7-22, 2016.



BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica - História da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

BRUM, Adriana; CAPRARO, André Mendes. **Mulheres no Jornalismo Esportivo: Uma “Visão Além Do Alcance?”**. *Movimento*, v. 21, n. 4, p. 959–971, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/52730>. Acesso em: 12 nov. 2025.

COIMBRA, Marta Isabel do Nascimento Gonçalves. *A imprensa escrita e o desporto: o gênero em questão*. *Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - N° 122 - Julio de 2008*. p. 1-9.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

COSTA, Viviane; RICHARTZ, Terezinha; LEITE, Marco Antônio. *Mulheres no jornalismo esportivo: luta por espaço e equidade de gênero*, Varginha, p. 1-15, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1296/1/Viviani%20Barbosa%20Costa.pdf>

DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para uma análise do machismo**. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, Araraquara, v. 3, p. 81–85, 1980. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/108171>. Acesso em: 20 de junho de 2025.

FEDERAÇÃO Nacional dos Jornalistas. **Maioria dos jornalistas empregados formalmente são mulheres, brancos e com idade entre 30 e 39 anos**. 2024, 5 de janeiro. Disponível em: <https://fenaj.org.br/maioria-dos-jornalistas-empregados-formalmente-sao-mulheres-brancos-e-com-idade-entre-30-e-39-anos/>. Acesso em: 12.nov.2025.

FRANCO, Carolina Machado dos Santos de Sousa. **As possibilidades do podcast como ferramenta midiática na educação**. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. *Podcast: novas vozes no diálogo educativo*. *Interações*, Lisboa, n. 23, p. 102-127, 2013d. Disponível em : <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/2822>>.

KNIJNIK, Jorge Dorfman e VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. *Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol*. *Mulher & esporte*. Tradução. São Paulo: Manole, 2003.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo**. *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, Donostia–San Sebastián (Espanha), v. 5, n. 10, p. 73–80, 1 nov. 2018.



CORDEIRO, William Robson e LONGHI, Raquel Ritter. No jornalismo imersivo, o infográfico é hiper. In: *Líbero*.n.42,2018.

MALTA, Renata Barreto; ARAÚJO, Érika Alfaro; AMADO, Aianne. **Mulheres no jornalismo esportivo**: impacto da narração e dos comentários femininos na Copa do Catar. *E-Compós*, v. 27, 2024. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2959>. Acesso em: 12 nov. 2025.

MURARO, Rose Marie. **Educando meninos e meninas para um mundo novo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. *Intertexto*, Porto Alegre, n. 13, 2005. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26568>.

RIGHI, Anelise Farencena. *As Donas da Bola - Inserção e Atuação das Mulheres no Jornalismo Esportivo Televisivo*. Santa Maria/RS: Comunicação Social/Centro Universitário Franciscano, 2006.

Rosa Elizabeth. Mulher no jornalismo esportivo: a ousadia de romper com o discurso masculino dominante. In: VARGAS, João Carlos; SILVA, Marco Antônio (org.). *Comunicação e esporte: aproximações, leituras e olhares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 21–35.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SCHOCH, L. Stéréotypes de genre. *Sur le journalisme*, v. 8, n. 2, dez. de 2019. Disponível em: <http://www.surlejournalisme.kinghost.net/rev/index.php/slj/article/view/400>.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007. 250 p.

RAMIRES, Lídia. **Mulheres jornalistas esportivas e mercado de trabalho**: quem (não) as deixa trabalhar? *Revista Katálisis*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 501–509, set./dez. 2020. Disponível em: [Vista do Mulheres jornalistas esportivas e mercado de trabalho: quem \(não\) as deixa trabalhar?](#) Acesso em 11 de maio de 2025.



VENTURA, Thabata Santos; HIROTA, Vinicius Barroso. **Futebol e salto alto:** por que não?. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 151–160, 2007.

VIANA, Luana. **O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos.** Comunicação Pública, v. 16, n. 31, 2021. Disponível em: <https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/72/198>



5. APÊNDICES

Roteiro de perguntas feitas para a fonte secundária Érika Alfaro de Araújo:

Érika alfaro - livro Mulheres em campo: Gênero no jornalismo esportivo brasileiro

- Primeiramente seja bem-vinda/ obrigada por fazer parte desse projeto/
 - A fonte de apresenta
- 1. Como surgiu o seu interesse pelo tema mulheres no esporte e no jornalismo esportivo?**
 - 2. Você é autora do livro Mulheres em Campo: gênero no jornalismo esportivo brasileiro. Qual o principal objetivo dos estudos reunidos no livro?**
 - 3. No livro, você aborda a introdução do futebol feminino no Brasil, as resistências e, principalmente, a proibição legal da prática. Quais resquícios desse passado ainda impactam as mulheres no esporte? Quais batalhas elas continuam enfrentando?**
 - 4. No capítulo “A questão de gênero no esporte”, você discute a construção social do que significa ser homem ou mulher/ feminino e masculino e como essas definições mudaram com o passar do tempo. Como essa construção do gênero mudou e de que forma essas mudanças ecoam no esporte?**
 - 5. Pensando na estrutura do esporte: quem está no poder? E como essa centralidade/dominação influencia a forma como o campo é organizado?**



- 6. No livro você analisa também a utilização dos corpos femininos como objetos de espetacularização. Hoje, podemos falar em uma transição para a masculinização desses corpos ou ainda em uma associação direta com a masculinidade no esporte?**
- 7. Quais avanços e transformações podemos destacar no esporte feminino, especialmente no futebol? E de que forma a transmissão e a cobertura jornalística feita por mulheres têm contribuído nesse processo?**
- 8. Você menciona a “infantilização” das mulheres no esporte, quando sua mera participação já é vista como suficiente. Esse fenômeno ainda é frequente? Como ele impacta o desenvolvimento do futebol feminino?**
- 9. De que maneira raça, classe e outras dimensões da interseccionalidade atravessam a experiência das mulheres na prática esportiva?**
- 10. Abordando a questão da interseccionalidade, como diferentes dimensões da identidade, como gênero, raça, idade ou maternidade, influenciam a atuação e o reconhecimento das mulheres no jornalismo esportivo?**
- 11. Quais são os principais obstáculos para que a cobertura do futebol feminino alcance um patamar semelhante ao do masculino? Quais os principais pontos destacados no livro sobre o tema?**

Perguntas com enfoque no artigo “Mulheres no jornalismo esportivo, impacto da narração e dos comentários femininos na Copa do Catar” da autora Érika Alfaro

- 1. Qual é o objeto e o objetivo central do artigo Mulheres no jornalismo esportivo: impacto da narração e dos comentários femininos na Copa do Catar?**



- 2. No estudo, você analisou comentários feitos na rede social X (antigo Twitter) sobre a atuação da jornalista esportiva Renata Silveira, como narradora, e Ana Thaís Matos, como comentarista, na cobertura da Copa do Mundo de 2022 pela TV Globo. Entre os pontos observados, um dos principais está relacionado à aparência das jornalistas. O que esse levantamento revelou?**
- 3. Outro aspecto discutido no artigo é a divisão sexual do trabalho no jornalismo esportivo, que categoriza pautas como “femininas” e outras como “masculinas”. Quais são as origens dessa ideia e quais consequências ela traz para as mulheres na profissão? Essa lógica ajuda a explicar a dificuldade delas em ocupar cargos de destaque nas redações esportivas?**
- 4. No campo da cobertura esportiva, ainda é comum o uso do “universo masculino” como referência para legitimar o desempenho das mulheres, tópico abordado no artigo, quando é citada as comparações entre Galvão Bueno e Renata Silveira. De que forma essa comparação constante afeta o reconhecimento do trabalho feminino no jornalismo esportivo?**
- 5. Durante a análise, você também identificou uma polarização: parte do público enxerga essas jornalistas como pioneiras, enquanto outra parte as critica duramente. Como você interpreta essa divisão?**
- 6. Por fim, quando falamos da narração feminina, muitas vezes surge resistência, com associações negativas como irritação ou até mesmo a tentativa de invalidar o trabalho das narradoras. O que essa rejeição revela sobre a cultura esportiva e midiática brasileira? A narração seria hoje um setor com maior resistência e barreiras para as mulheres na cobertura esportiva?**



Roteiro de perguntas feitas para a jornalista esportiva Ludimila Cianci Rodrigues e demais fontes.

Primeiramente, seja-bem vinda, obrigada por aceitar fazer parte desse projeto

- A fonte se apresenta

- 1. Como iniciou sua trajetória no jornalismo/comunicação?**
- 2. Como foram suas principais experiências com a prática jornalística?**
- 3. Como iniciou seu contato com a cobertura de esportes/futebol dentro do jornalismo?**
- 4. Pautas esportivas sempre foram do seu interesse?**
- 5. Futebol ou mesmo outros esportes fazem parte da sua história pessoal?**
- 6. O futebol sul-mato-grossense está fora da Série A do Campeonato Brasileiro desde 1986, quando Operário e Comercial representaram o estado na elite do futebol brasileiro. De lá para cá, a realidade tem sido marcada por instabilidade e longos períodos em divisões inferiores, como a Série D. Diante desse cenário, quais dificuldades você já vivenciou para trabalhar com comunicação esportiva em Mato Grosso do Sul?**



- 7. Como surgiu a oportunidade de atuar fora do estado? / Quais foram os aprendizados mais marcantes dessas experiências?**
- 8. Dentro dessas coberturas esportivas, em algum momento você já se sentiu desvalorizada ou desacreditada por ser mulher cobrindo esporte/futebol?**
- 9. Já sofreu algum assédio, seja moral ou até mesmo físico, na área esportiva?**
- 10. Em algum momento, dentro da redação, houve resistência para que você fosse escalada em coberturas esportivas ou futebolísticas?**
- 11. Nesse ambiente amplamente machista, dentro das coberturas esportivas, já sofreu misoginia ou mesmo homofobia?**
- 12. A narração feminina, principalmente no futebol, é colocada como debate e resistência para muitos. Você já sentiu essa resistência e crítica de forma pessoal? ou mesmo se não teve experiência nessa função, qual sua percepção sobre?**
- 13. Em um dos artigos que li em minha pesquisa, falava-se sobre como a rotina das coberturas esportivas, por ser massiva, faz com que as mulheres adiem ou abdicuem de viver outras coisas. Esse cenário, em certa medida, se parece com o seu?**
- 14. O último levantamento da Unesco, realizado em 2021, revelou que apenas 4% da cobertura esportiva no Brasil é dedicada a modalidades praticadas por mulheres. Em termos práticos, isso significa que, a cada 100 notícias sobre esporte, somente 4 tratam dos esportes femininos/praticado por mulheres. Nos últimos anos a cobertura de esportes feminino aumentou, mas ainda está longe de se equiparar a cobertura de**



esportes masculinos. Em que medida você cobre ou mesmo ajuda na cobertura de esportes praticados por mulheres?

- 15. Segundo dados disponibilizados pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) de 2024/ no Brasil, jornalistas mulheres contratadas formalmente ganham em média 5,7% menos que os homens pelo mesmo trabalho. Essa diferença aumenta quanto maior o cargo. No caso de editoras-chefes, por exemplo, as mulheres ganham 41,3% menos que os homens nessa posição. Como você enxerga essa questão? é um cenário que você vive?**
- 16. O último levantamento do Reuters Institute de 2024 mostrou que, no Brasil, apenas 23% dos cargos editoriais de chefia na comunicação são ocupados por mulheres, mesmo sendo elas a maioria na profissão. Em 2022 esse número era de apenas 7%, o que representa um avanço, mas ainda muito distante da realidade da categoria. Na sua percepção, as mulheres ainda encontram mais barreiras para ocupar cargos de liderança nas redações esportivas? Você já presenciou ou mesmo vivenciou situações em que a ascensão profissional foi mais difícil para mulheres do que para homens?**
- 17. Na sua experiência, como a questão da aparência influencia a forma como as jornalistas esportivas são vistas e avaliadas? Já passou por situações de sexualização ou objetificação da sua imagem profissional?**
- 18. Na sua visão, quais foram os principais avanços e conquistas das mulheres na área do jornalismo esportivo nos últimos anos e qual sua perspectiva de futuro?**

Estrutura do roteiro do episódio 1:



EPISÓDIO 1

ÀS MULHERES NÃO SE PERMITIRÁ A PRÁTICA DE DESPORTOS INCOMPATÍVEIS COM AS CONDIÇÕES DE SUA NATUREZA / DEVENDO/PARA ESTE EFEITO / O CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS BAIXAR AS NECESSÁRIAS INSTRUÇÕES ÀS ENTIDADES DESPORTIVAS DO PAÍS //

ESSE FOI O DECRETO ASSINADO POR GETÚLIO VARGAS EM 1941/QUE PROIBIA A PRÁTICA FEMININA DE ESPORTES CONSIDERADOS BRUTOS/ COMO O FUTEBOL/ SOB A JUSTIFICATIVA DE INCOMPATIBILIDADE COM A NATUREZA DA MULHER//

A DETERMINAÇÃO FOI REVOGADA EM 1979/ MAS OS RESQUÍCIOS DESSES ESTEREÓTIPOS SOBRE ESPORTES VISTOS COMO MASCULINOS PERMANECEM ATÉ HOJE E SE REFLETEM NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO ESPORTIVA//

POR QUE/ SE À MULHER NÃO ERA CONCEDIDO O DIREITO À PRÁTICA/ TERIA ELA ESPAÇO E CREDIBILIDADE PARA PROMOVER DISCUSSÕES SOBRE ESSE ESPORTE NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO?//

EU SOU INGRID PROTÁSIO E ESTE É "CAMPO MISÓGINO" UM PODCAST QUE NASCE PARA PROMOVER A DISCUSSÃO SOBRE O ESPAÇO

E A RESISTÊNCIA DE JORNALISTAS DE MATO GROSSO DO SUL NA COBERTURA ESPORTIVA / PRINCIPALMENTE A DO ESPORTE MAIS POPULAR DO BRASIL/ O FUTEBOL //

NESTE PRIMEIRO EPISÓDIO/ CHAMADO "ELAS JOGAM" / IREMOS DEBATER SOBRE A ORIGEM DO FUTEBOL FEMININO E SUAS RESISTÊNCIAS/ ALÉM DE INICIARMOS NOSSA DISCUSSÃO SOBRE AS JORNALISTAS NA COMUNICAÇÃO ESPORTIVA//

XXXXXXXXX VINHETA ABERTURA XXXXXXXX

O FUTEBOL PRATICADO POR MULHERES NO BRASIL NASCE DA RESISTÊNCIA// MENINAS E MULHERES/ NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930/ PRATICAVAM ESSE ESPORTE AINDA DE FORMA TÍMIDA E DISCRETA/ FICANDO RESTRITO ÀS PERIFERIAS DE CIDADES COMO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO//

FOI APENAS EM 1940/ COM UMA PARTIDA FEMININA ENTRE OS CLUBES CASINO DO REALENGO E SPORT CLUB BRASILEIRO NO PACAEMBU/ NA CAPITAL PAULISTA / QUE A DISCUSSÃO GANHOU FORÇA/ PROVOCANDO REAÇÕES CONTRÁRIAS ATÉ MESMO DE ENTIDADES PÚBLICAS//

POR MAIS QUE O FUTEBOL FEMININO TENHA



CONQUISTADO ESPAÇO / EM MEIO A LUTAS E DESCASOS / REFLEXOS DESSE PASSADO AINDA SE ENCONTRAM PRESENTES//

COMO CITADO NO DECÁLOGO DE BOAS PRÁTICAS DO JORNALISMO ESPORTIVO / DOCUMENTO-GUIA ELABORADO PELA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL *ACCOUNTABLE SPORTS JOURNALISM* / OU SIMPLEMENTE JORNALISMO ESPORTIVO RESPONSÁVEL / A DISCUSSÃO SOBRE PERSPECTIVA DE GÊNERO É ESSENCIAL //

NÃO SÓ PARA COMBATER A HISTÓRICA SUB-REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO ESPORTE / O DEBATE SOBRE GÊNERO MOSTRA-SE FUNDAMENTAL TAMBÉM PARA PROMOVER A IGUALDADE NA COBERTURA JORNALÍSTICA/ DANDO MAIOR VISIBILIDADE ÀS ATLETAS// ALÉM DE PRODUZIR UMA COMUNICAÇÃO QUE NÃO TOLERE A ATRIBUIÇÃO DE COMENTÁRIOS SEXISTAS E ESTEREÓTIPOS //

O GUIA DE BOAS PRÁTICAS NO JORNALISMO ESPORTIVO PROPÕE UM CENÁRIO IDEAL QUE/ INFELIZMENTE/ RARAMENTE SE CONCRETIZA NA ROTINA PROFISSIONAL/ SOBRETUDO NA COBERTURA DO FUTEBOL//

PARA ENTENDER AS ORIGENS DA RESISTÊNCIA DESSE ESPORTE EM RELAÇÃO

ÀS MULHERES / CONVERSEI COM A JORNALISTA ÉRIKA ALFARO DE ARAÚJO / MESTRE EM COMUNICAÇÃO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA / A UNESP / ATUALMENTE DESENVOLVENDO PESQUISA DE DOUTORADO NA INSTITUIÇÃO / AUTORA DO LIVRO "MULHERES EM CAMPO: GÊNERO NO JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO" //

DECUPAGEM ÉRIKA - 03:01 A 03:27
"ESSE TEMA... DESDE O INÍCIO"

NO LIVRO/ VOCÊ ABORDA A INTRODUÇÃO DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL/ AS RESISTÊNCIAS E/ PRINCIPALMENTE/ A PROIBIÇÃO LEGAL DA PRÁTICA/ QUAIS RESQUÍCIOS DESSE PASSADO AINDA IMPACTAM AS MULHERES NO ESPORTE? QUAIS BATALHAS ELAS CONTINUAM ENFRENTANDO? //

DECUPAGEM ÉRIKA - 07:49 a 13:10 (ela contextualiza a história do futebol feminino e fala dos impactos até os dias de hoje)

PENSANDO AGORA NA QUESTÃO DA INTERSECCIONALIDADE/ DE QUE MANEIRA/ RAÇA/ CLASSE E OUTRAS DIMENSÕES ATRAVESSAM A EXPERIÊNCIA DAS MULHERES NA PRÁTICA DO ESPORTE? //

DECUPAGEM ÉRIKA - 37:56 A 41:45



NO CAPÍTULO "A QUESTÃO DE GÊNERO NO ESPORTE" / VOCÊ DISCUTE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO QUE SIGNIFICA SER HOMEM OU MULHER / FEMININO E MASCULINO / E COMO ESSAS DEFINIÇÕES MUDARAM COM O PASSAR DO TEMPO / COMO ESSA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO MUDOU E DE QUE FORMA ESSAS MUDANÇAS ECOAM NO ESPORTE? //

DECUPAGEM ÉRIKA - 13:57 a 17:07

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

É ISSO MESMO / OUVINTES // ASSIM COMO O FUTEBOL EMERGE SOCIALMENTE COMO UM ESPAÇO RESERVADO AO PROTAGONISMO DOS HOMENS / NO JORNALISMO ESPORTIVO NÃO É DIFERENTE //

ANTES DE APROFUNDAR ESTA DISCUSSÃO / PORÉM / VALE DESTACAR O QUE DE FATO É E FAZ A COMUNICAÇÃO DO ESPORTE //

NOTICIAR O RESULTADO DE UM JOGO / INVESTIGAR A VIDA DE UM OU DE UMA ATLETA / COBRIR CAMPEONATOS / SÃO ALGUMAS DAS FUNÇÕES DA COMUNICAÇÃO ESPORTIVA // TAIS PRÁTICAS / ENTRETANTO / NÃO RESUMEM TODA A COMPLEXIDADE DA TEMÁTICA //

COMO EXPLICA O PESQUISADOR

MAURO BETTI / PROFESSOR LIVRE-DOCENTE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA / A UNESP / AÇÕES COMO ESSAS SE RESUMEM AO CHAMADO "ESPORTE DA MÍDIA" / UM MODELO DE JORNALISMO AUTO-CENTRADO E POUCO REFLEXIVO / BASEADO EM DESTACAR VITÓRIAS E DERROTAS E APENAS NOTICIAR OS RESULTADOS / SEM MUITO QUESTIONAR OU INTERROGAR DE FORMA MAIS APROFUNDADA //

JÁ O CHAMADO ESPORTE 'NA' MÍDIA SERIA O IDEAL / PRÁTICA DE COMUNICAÇÃO ESPORTIVA ONDE SÃO DISCUTIDOS NÃO APENAS OS RESULTADOS DE JOGOS E ANÁLISES TÉCNICAS / MAS TAMBÉM QUESTÕES SOCIAIS / DE GÊNERO / RAÇA / ETNIA E DESIGUALDADES DENTRO DO ESPORTE //

E ESSA É NOVA PROPOSTA QUE TRABALHAMOS AQUI NO PODCAST "CAMPO MISÓGINO" //

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

MESMO NUM CENÁRIO DE DIFICULDADES / NOS ÚLTIMOS ANOS AS MULHERES OCUPAM CADA VEZ MAIS ESPAÇO EM COBERTURAS ESPORTIVAS // NOMES COMO RENATA SILVEIRA / ANA THAIS MATOS / MARIANA ESPINELLI / VEM GANHANDO CADA VEZ MAIS



ESPAÇO NAS TELAS DA COMUNICAÇÃO
ESPORTIVA//

OCUPAR ESSES ESPAÇOS/ ANTES
EXCLUSIVOS PARA OS HOMENS/ NÃO DEIXA
DE SER UM AVANÇO // PORÉM / COMO
DESTACADO PELA PESQUISADORA CARLA
LIANE COIMBRA / NO ESTUDO "MULHERES/
MÍDIA E ESPORTES: REPRESENTAÇÕES
FEMININAS EM TEMPOS DE
ESPETACULARIZAÇÃO" / PUBLICADO JÁ EM
2008 NA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS
DO ESPORTE/ DE 2008/
"MERAMENTE AUMENTAR O NÚMERO DE
MULHERES QUE PARTILHAM AS MESMAS
ORIENTAÇÕES E ACEPTÕES SEXISTAS QUE
OS SEUS COLEGAS HOMENS/ É MENOS QUE
UMA MAGRA VITÓRIA/ É UM EXEMPLO
PERIGOSO DE OPÇÃO MÚTUA
INSTITUCIONAL EM QUE AS MULHERES SE
TORNAM CÚMPLICES PASSIVAS DA
PROPAGAÇÃO DA IDEOLOGIA SEXISTA NO
DESPORTO"//

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

PARA APROFUNDAR O ASSUNTO / CONVERSEI
COM ADRIANA BRUM/ JORNALISTA COM
ATUAÇÃO NA COMUNICAÇÃO ESPORTIVA /
ADRIANA É AUTORA DO ESTUDO "MULHERES
NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA VISÃO
ALÉM DO ALCANCE?" / PUBLICADO EM 2015
NA REVISTA MOVIMENTO / DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL / NO QUAL
ENTREVISTOU DEZ JORNALISTAS QUE

ATUAVAM NAS EDITORIAS DE ESPORTES DE
VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO DE CURITIBA/
COM O OBJETIVO DE COMPREENDER/ NA
PRÁTICA/ COMO ESSAS RESISTÊNCIAS SE
MANIFESTAM//

PRIMEIRAMENTE/ GOSTARIA DE TE
AGRADECER PELA PARTICIPAÇÃO// PODERIA
SE APRESENTAR PARA INICIARMOS NOSSA
CONVERSA? //

DECUPAGEM ADRIANA - 02:05 A 04:30

NA SUA ATUAÇÃO COMO JORNALISTA
ESPORTIVA/ QUAIS SERIAM AS
RESISTÊNCIAS/ OS PRECONCEITOS OU OS
DESAFIOS QUE VOCÊ ENCONTROU? //

DECUPAGEM ADRIANA - 04:56 A 08:38

FALANDO AGORA UM POUQUINHO DO SEU
ARTIGO/ MULHERES NO JORNALISMO
ESPORTIVO UMA VISÃO ALÉM DO ALCANCE?/
QUAL É O PRINCIPAL OBJETIVO DESSA
PESQUISA E QUAL METODOLOGIA VOCÊ
UTILIZOU?//

DECUPAGEM ADRIANA - 09:26 A 23:35
(RESUMIR E CONFERIR MINUTAGEM)

NO ARTIGO/ VOCÊ MENCIONA QUE POR ESTAR
EM AMBIENTES PREDOMINANTEMENTE
MASCULINOS/ AS MULHERES PODEM ACABAR



REPRODUZINDO PADRÕES JÁ
ESTABELECIDOS// NA PRÁTICA/ COMO ISSO
AFETA OU SE MANIFESTA NA COBERTURA
ESPORTIVA? //

DECUPAGEM ADRIANA - 09:26 A 23:35
(RESUMIR E CONFERIR MINUTAGEM)

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

PENSAR EM QUESTÃO DE GÊNERO NO
ESPORTE ENVOLVE TAMBÉM REFLETIR DE
QUE MANEIRA PROFISSIONAIS DA
COMUNICAÇÃO ESTÃO INSERIDOS E
INSERIDAS NESSES ESPAÇOS//

ESPAÇOS / ESSES / QUE ESTRUTURAM A
SOCIEDADE EM UM SISTEMA PATRIARCAL/ NO
QUAL A FIGURA DO HOMEM PREVALECE E
EXERCE DOMÍNIO SOBRE A FIGURA
FEMININA//

NA COMUNICAÇÃO ESPORTIVA / ESSE
SISTEMA NÃO SÓ SE ESTABELECE / COMO É
DOMINANTE / E PODE SER APRESENTADO
POR MEIO DO CONTROLE OU MESMO DA
TENTATIVA DE CONTROLAR O
COMPORTAMENTO DAS MULHERES /
PODENDO LEVAR À EXCLUSÃO DESSAS
PROFISSIONAIS //

OS EXEMPLOS NÃO SÃO POUCOS // IDA
GARCIA/ JORNALISTA HÁ 25 ANOS/
ATUALMENTE ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO
DA FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DE MATO
GROSSO DO SUL/ JÁ EXPERIMENTOU NA
PRÁTICA MOMENTOS DESSA EXCLUSÃO//

MAS CALMA/ QUE ELA TE CONTA COM
DETALHES COMO TUDO ISSO ACONTECEU NO
NOSSO PRÓXIMO ENCONTRO//

XXXXXXXXXX VINHETA ENCERRAMENTOXXX

VOCÊ OUVIU O PRIMEIRO EPISÓDIO /
CHAMADO "ELAS JOGAM" / DO PODCAST
"CAMPO MISÓGINO" //NESTE EPISÓDIO /
ABORDAMOS O FUTEBOL PRATICADO POR
MULHERES/ SUAS RESISTÊNCIAS E AINDA UM
PAPO INICIAL SOBRE AS JORNALISTAS
MULHERES NA COMUNICAÇÃO ESPORTIVA //

ESTA SÉRIE TEM COMO PRINCIPAL OBJETIVO
DISCUTIR O CENÁRIO DAS MULHERES NO
JORNALISMO ESPORTIVO SUL-MATO-
GROSSENSE//

O PROJETO INTEGRA O TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

DO SUL (UFMS)/ SOB ORIENTAÇÃO DO
PROFESSOR MARCOS PAULO DA SILVA//

EU SOU INGRID PROTÁSIO // OBRIGADA PELA
AUDIÊNCIA/ TE ESPERO NO NOSSO PRÓXIMO
EPISÓDIO

I

XXXXXXXXVINHETA DE ENCERRAMENTOXXX

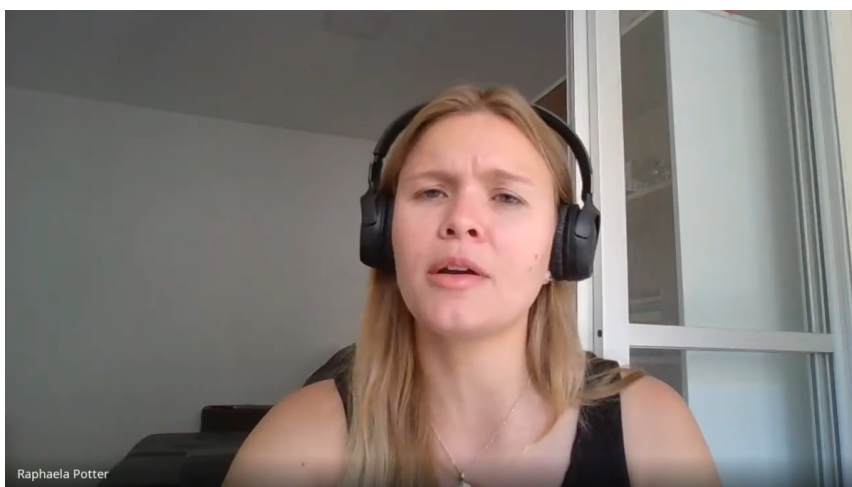
FIM



Fotos/prints de todas entrevistas:



Entrevista com a jornalista Ida Garcia, no laboratório de radiojornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.



Print de entrevista com a jornalista Raphaela Potter via Google Meet



Print de entrevista com a jornalista Adriana Brum via Google Meet



Print de entrevista com a jornalista Eva Regina via Google Meet



Gravação com as jornalistas Isabelly Melo e Ida Garcia no laboratório de radiojornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Print de entrevista com a jornalista Ludimila Cianci via Google Meet



Print de entrevista com a jornalista Érika Alfaro via Google Meet